



i.1

ECOS DA ANTIGUIDADE NA PRAÇA TIRADENTES

Projeto de Extensão Viva+Cidade
do Laboratório de História
Antiga da UFRJ.

Projeto de Extensão Viva+Cidade — Ano 2025
Coordenadores: Deivid Gaia, Regina Bustamante
Colaboração: Amanda Borges

1ª Versão

AUTORES

Ana Carolina dos Santos Alves
Antônio Oliveira de Aguiar
Beatriz Guerreiro de Castro
Thiago Lourenço Silva
Thifany Souza de Lima
Victor Hugo Souza Almeida

DIAGRAMAÇÃO

Amanda Prima Borges

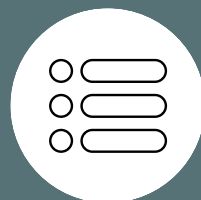
REVISÃO

Amanda Prima Borges
Deivid Valério Gaia
Regina Maria da Cunha Bustamante

Material elaborado para apresentação no ©XXXV Ciclo de Debates do LHIA em História Antiga: Recepções da Antiguidade, durante as Janelas de Extensão do evento.

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ
Laboratório de História Antiga
Largo São Francisco de Paula, s/n - Centro, Rio de Janeiro/RJ.

SUMÁRIO



Apresentando o espaço

4

A História da Praça Tiradentes

6

Antiguidade em foco

8

Efêmero arco do triunfo

8

Cavaleiro e montaria

9

Alegorias das províncias
do império

10

O Brasão do Império

10

Chão de pedras
portuguesas

11

Alegorias dos valores
imperiais

12

Bibliografia de apoio

16

Referências das imagens

17



APRESENTANDO O ESPAÇO



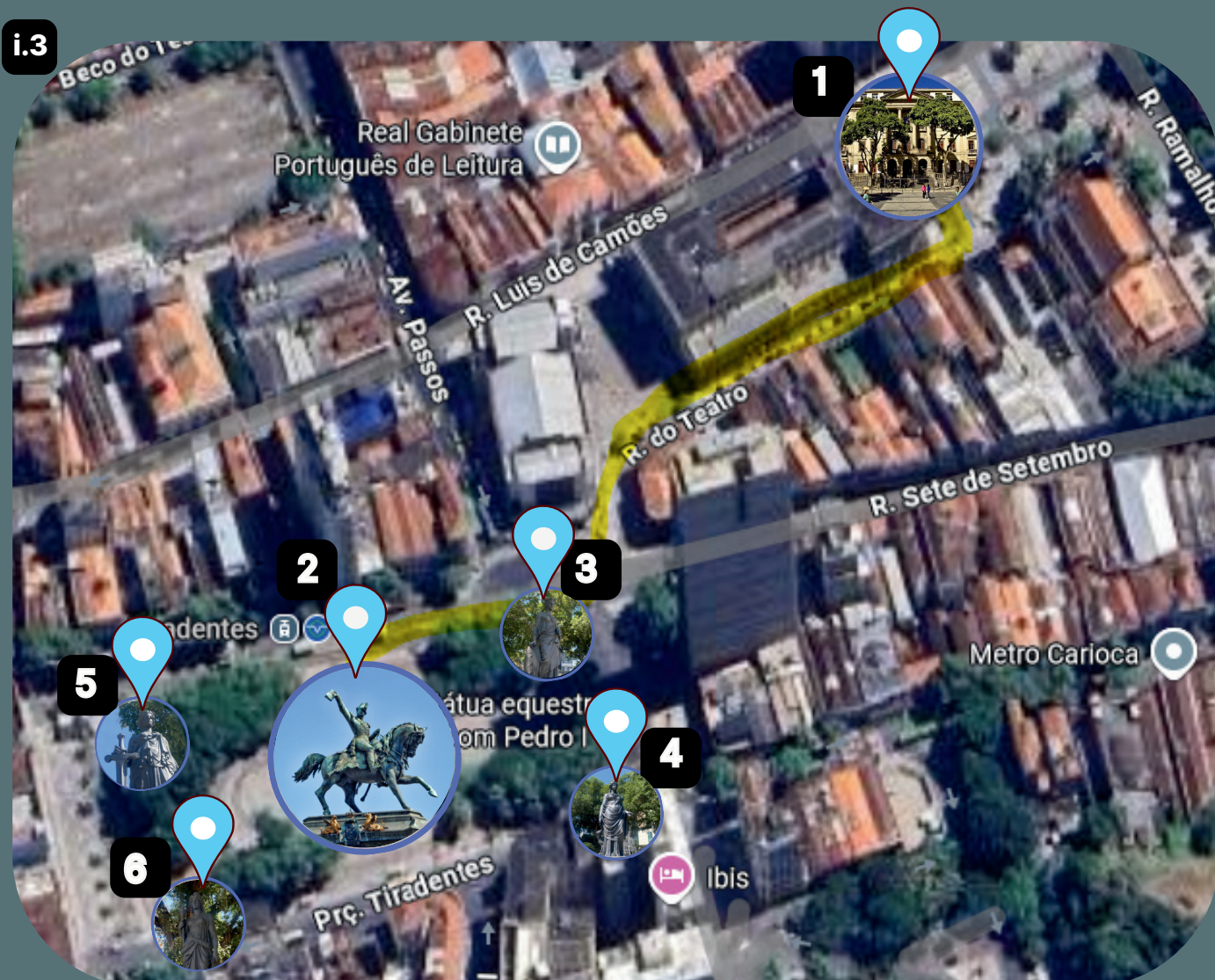
A Praça Tiradentes é um dos espaços mais emblemáticos do centro da cidade do Rio de Janeiro, localizada em uma área de grande movimentação. A praça é hoje reconhecida como patrimônio histórico e cultural do Rio de Janeiro, e atualmente, ainda recebe manifestações, eventos artísticos e comemorações que reafirmam seu lugar na história da cidade.



i.2

A trajetória dessa Praça atravessa a história política, cultural e social do Brasil. Antes de se tornar o que é hoje, o espaço sofreu diversas modificações ao longo dos anos, como a inauguração da uma estátua equestre de Dom Pedro I (1862), a pavimentação de suas calçadas em macadame (camadas de brita comprimidas) e paralelepípedo, um sistema de iluminação a gás e arborização dos entornos.





1 - Prédio do IH / 2- Praça Tiradentes / 3- Alegoria da União / 4- Alegoria da Fidelidade / 5- Alegoria da Justiça / 6- Alegoria da Liberdade

A história da Praça Tiradentes simboliza a transformação do próprio Rio de Janeiro: de uma cidade colonial marcada por suplícios públicos a uma capital cultural e política, sem jamais perder sua importância como espaço de memória coletiva do Brasil.





A HISTÓRIA DA...

CAMPO DOS CIGANOS: O rei de Portugal determinou que os ciganos do Rio de Janeiro só poderiam morar em uma rua específica denominada a Rua dos Ciganos, atual Rua da Constituição.



i.4

A praça virou local de acampamento de famílias ciganas da região.



1760

1808

CAMPO DO POLÉ: transferência do pelourinho que ficava no Paço Real (atual Paço Imperial) para a praça. Polé era o nome popular desse mecanismo de tortura e punição escravocata.



i.5



D- Praça de S. Fco. de Paula/ **P-** Igreja de S. Fco. de Paula/ **¥-** Escola Real Militar/ **A-** Praça do Rossio/ **g-** Teatro de São José/ **g'-** Pequeno Teatro/ **α-** Igreja da Lampadosa/ **d'** -Escola de Belas Artes.



... PRAÇA TIRADENTES



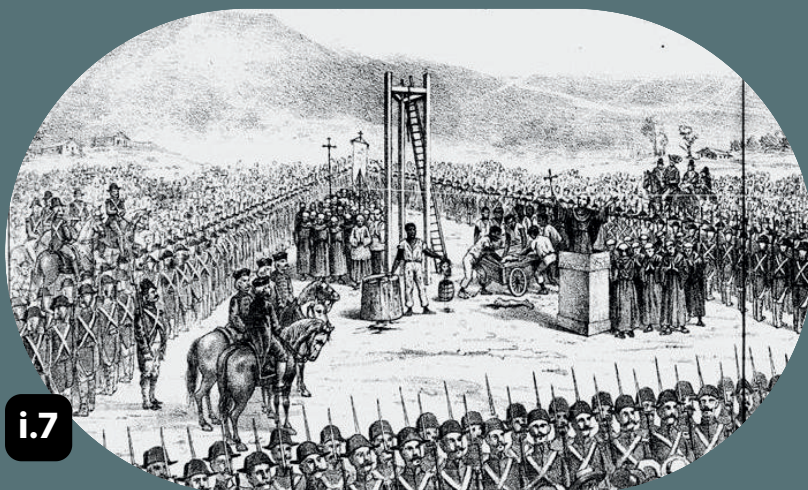
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO: Dom Pedro I jurou fidelidade à Constituição Portuguesa na sacada do Real Teatro São João (onde hoje é o Teatro João Caetano).



i.6

1821

1892



i.7

PRAÇA TIRADENTES: Joaquim José da Silva Xavier, (Tiradentes), foi executado nos arredores da praça em 1792. No centenário de sua morte a praça passou a ter seu nome. Anos depois (1965), Tiradentes se tornou patrono cívico do Brasil.

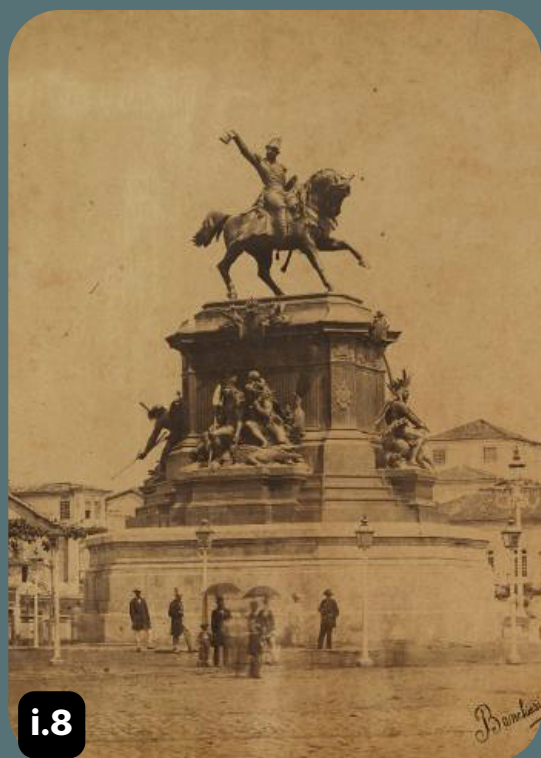


ANTIGUIDADE EM FOCO



01

Estátua Equestre e o efêmero arco do triunfo



A estátua equestre de Dom Pedro I foi a **primeira estátua pública do Brasil, inaugurada em 30 de março de 1862** na Praça da Constituição, atual Praça Tiradentes, com o objetivo de homenagear o Imperador no trigésimo aniversário da Independência do Brasil a pedido da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Assim, a partir do resultado de um concurso feito pela Academia Imperial de Belas Artes, o projeto do artista João Maximiniano Mafra venceu o primeiro lugar, mas foi o escultor francês Louis Rochet o responsável pela a execução do projeto.

A praça escolhida foi o mesmo local onde D. Pedro I jurou a Constituição de 1824 e onde Tiradentes passou antes de ser morto em 1792.

Na inauguração da estátua equestre, foi instaurado um arco do triunfo efêmero. Esse tipo de monumento é composto, normalmente, por duas colunas sustentando um arco. Seu objetivo era **celebrar feitos grandiosos publicamente**. Na Roma Antiga, fazia parte de uma cerimônia na qual grandes generais passavam pelo arco em cortejo com seu exército (todos desarmados), exibindo espólios de guerra. Assim, o arco era decorado com painéis e outros elementos arquitetônicos que recontavam a excepcional vitória do conquistador romano.





02

Estátua Equestre: cavaleiro e montaria

A estátua equestre de Dom Pedro I, localizada no centro da Praça Tiradentes, foi inaugurada em 1862. A obra foi idealizada em bronze por João Maximiano Mafra e fundida em Paris, representando o imperador montado em um cavalo, em atitude ativa e de comando, como herói da Independência.

“ —

“Estátuas eqüestres como a do imperador Marco Aurélio (reinou de 121 a 180 d.C.) de manto e cabelos encaracolados, por longo tempo exibida no capitólio em Roma, agora substituída por uma cópia, tornaram visível e palpável **a metáfora de governar como cavalgar**” (Burke, 2004, p. 83)

— ”

i.10



comparar

Assim como cavalgar exige equilíbrio constante, atenção aos movimentos do cavalo, firmeza, mas também flexibilidade, o governo demanda dos governantes a mesma habilidade: saber controlar as forças sociais sem sufocá-las, manter a direção sem perder o apoio e ajustar-se às circunstâncias sem perder a autoridade.

i.11





i.12

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

04





05

O chão de pedras portuguesas



Em 1950, a Praça Tiradentes passou por uma reforma marcante, que reduziu seus limites e criou três desníveis em relação às ruas do entorno. Os antigos canteiros foram substituídos por uma pavimentação em pedra portuguesa preta e branca, formando em mosaico o brasão do Império. Essa transformação conferiu ao espaço um caráter simbólico, reafirmando sua representação do poder imperial e político

O calçamento em pedras portuguesas foi importado de Lisboa especialmente para a ocasião, reforçando os laços culturais e artísticos entre Brasil e Portugal, mas agora ressignificado em solo independente.



Tais mosaicos remetem aos que estão presentes na **Praça das Corporações em Óstia**, antiga cidade portuária de Roma. Esse espaço, importante centro comercial da Roma Antiga, exibia em seu solo representações de navios, golfinhos, faróis e outros símbolos ligados à navegação e ao comércio marítimo.

i.15



i.16





06

Alegorias dos valores imperiais

Desde a Antiguidade, existe uma tendência a representar conceitos abstratos com representações femininas. Assim ocorre com as magníficas alegorias da **UNIÃO, JUSTIÇA, LIBERDADE e FIDELIDADE**, produzidas por Mathurin Moreau em ferro fundido pela Fundição Val d'Osne. As estátuas foram instaladas em 1865 na atual Praça Tiradentes, posicionadas uma em cada um dos quatro cantos praça. Elas transmitiam os valores fundamentais do Império brasileiro.

A JUSTIÇA



Espada

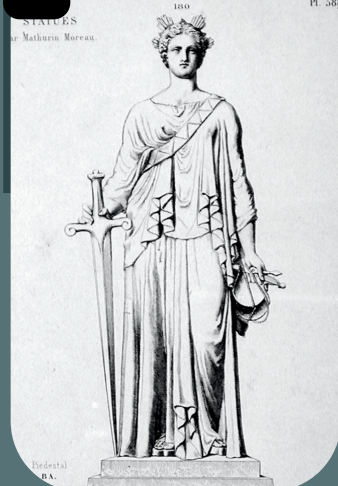


Balança

A Justiça simboliza a imparcialidade responsável para o bom funcionamento da aplicação das leis. Analisando de baixo para cima, a alegoria possui uma balança em sua mão esquerda, representando o equilíbrio e a equidade.

Em sua mão direita, carrega a espada, representando a força e a execução da pena para casos de injustiça. A figura porta vestes clássicas (palla presa por fíbula). Em seu rosto, não há uma venda, o que pode indicar a necessidade de se manter vigilante (ter os olhos abertos) para bem guardar aplicação justa e igualitária da lei.

i.18



Palla era um manto romano antigo tradicional usado por mulheres. Fíbula, por sua vez, era um broche.





A UNIÃO



Escudo com fascas



Coroa de oliveiras

Ramos de oliveiras nas mãos



A União representa o sentimento nacional e patriótico necessário para a construção de uma sociedade moderna justa. Analisando de baixo para cima, é possível notar que sua mão direita repousa sobre um escudo com feixe de varas (fascas), transmitindo a união e a autoridade. Com vestes femininas clássicas, ela carrega em sua mão esquerda, um ramo de oliveira que simboliza a paz, assim como, no topo de sua cabeça, há uma coroa com folhas da mesma árvore. Isso, juntamente ao escudo, busca transmitir o sentimento de que a união é responsável pela paz.





A LIBERDADE


A

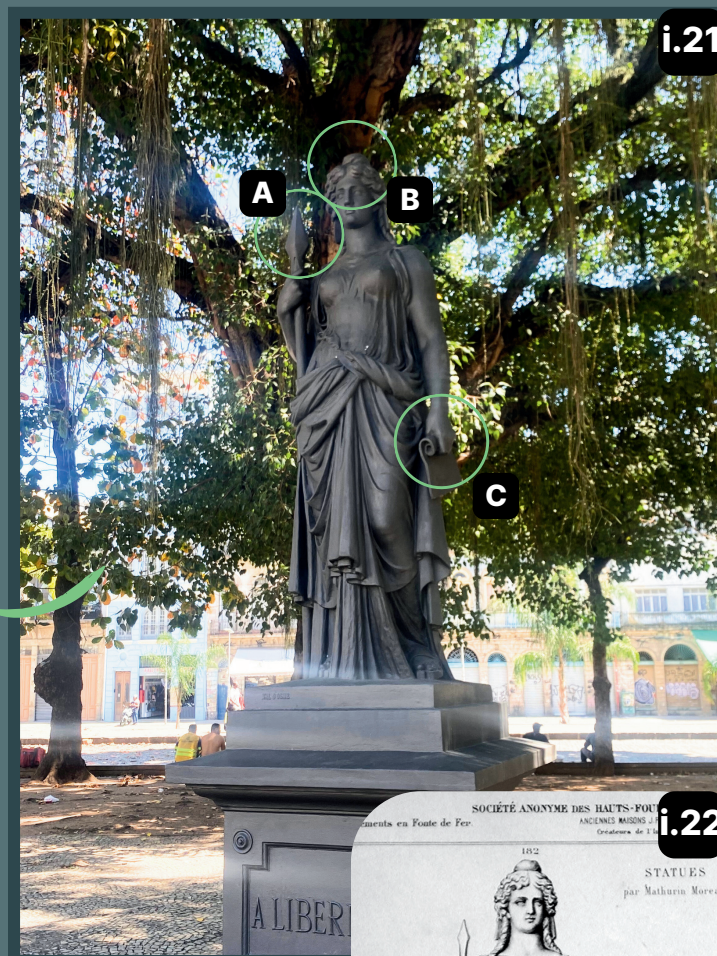
Lança


B

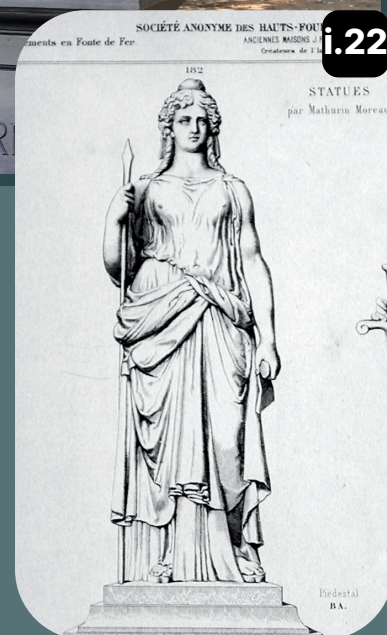
Barrete
frígio

C

Pergaminho



i.21



i.22

Analisando de baixo para cima, pode-se observar que a alegoria segura, em sua mão direita, um cetro. Este transmite a capacidade de lutar pela liberdade e pela autonomia do país, sendo um instrumento de defesa e, ao mesmo tempo, um símbolo de liderança na luta pela independência. Na outra mão, há a presença de pergaminho, representando a constituição ou a legislação que garante os direitos e liberdades dos cidadãos. A figura porta, ainda, um barrete frígio em sua cabeça, também chamado de “barrete da liberdade”.

A Liberdade personifica o anseio pela independência que permeou a história do país. Suas vestimentas remetem à Antiguidade.





A FIDELIDADE

i.23



A Fidelidade representa a lealdade inquebrantável, seja a um soberano, a uma causa, a uma comunidade ou a princípios quaisquer. Analisando de baixo para cima, pode-se observar um atributo muito interessante: um cão. Desde a Antiguidade, os cachorros são vistos como o amigo mais fiel que um homem poderia ter, o que o transformou em símbolo de fidelidade para os povos mais antigos. A Fidelidade veste uma pala e, no topo dos seus cabelos cacheados, está a magnífica Coroa de Hera. Hera (Juno, na forma latina) era a divindade grega ligada ao casamento, de forma que essa planta estava frequentemente presente em festejos matrimoniais. Esse vínculo, considerado indissolúvel, conecta-se muito intimamente com a noção de fidelidade.

i.24



A



Coroa de Hera

B



Cão



Bibliografia de apoio

CAIXETA, C.; BRAIDA, F.; COLCHETE FILHO, A. A praça Tiradentes: projetos, formas e sentidos urbanos. In: COLCHETE FILHO, A.; VAZ, L. F. (org.). Praças da cidade: a área central do Rio de Janeiro. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023.

Campo dos Ciganos | Brasileira Fotográfica. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=campo-dos-ciganos>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CONTIER, Arnaldo Daraya. A Praça Tiradentes: o urbanismo como espetáculo (1889-1930). Cadernos de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 91-104, 2003.

GONÇALVES, C. C.; BRAIDA, F.; FILHO, A. C. A praça Tiradentes, no Rio de Janeiro: projetos, formas e apropriações no século XX. Cad. de Pós-Graduação em Educ., Arte e Hist. da Cult. , v. 3, n. 1, p. 91-104, 2003.

GONÇALVES, Camila Caixeta. Praça Tiradentes: o espaço público através da imaginária urbana (séculos XIX, XX e XXI). Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GONÇALVES, Camila et al. A praça Tiradentes, no Rio de Janeiro: projetos, formas e apropriações no século XX. Estudos em Design| Revista (online). Rio de Janeiro: v. 26, n. 1 [2018], p. 96 – 112.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. O espaço teatral do Rio de Janeiro. Configuração do ambiente urbano da praça Tiradentes e adjacências (1813-1950). Anais SHCU, v. 6, n. 2, 2000.

MENEZES, Ângela Tâmega. O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro (1808-1920). Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

NOVAES, Hélio. A solidão do monumento em homenagem a D. Pedro I: um conflito de memórias. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2017.

Rua da Constituição já foi Rua dos Ciganos | Diário do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://diariodorio.com/rua-da-constituicao-ja-foi-rua-dos-ciganos/>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

Referência das imagens

I.1 - Thifany Souza, 2025.

i.2 - Praça Tiradentes-Rio de Janeiro-Brasil. Gaban, Public domain, via Wikimedia Commons. 26 January 2011. Acesso: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:PracaTiradentesRJ.JPG#>.

i.3 - Print do Google Earth. Editado por: Thifany Souza, 2025.

i.4 - Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; entre 1758-1760; acervo: Biblioteca Nacional.

i.5 - Plan de la ville de S. Sebastião de Rio de Janeiro; 1820; autoria de Louis Claude Desausles Freycinet (1779-1842); acervo: Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart175727/cart175727.jpg

i.6 - Aceitação provisória da constituição de Lisboa, no Rio de Janeiro. Jean-Baptiste Debret, 1839.

i.7 - Execução de Joaquim José da Silva Xavier - o Tiradentes, no dia 21 de Abril de 1792 (Reconstrução histórica feita sob apontamentos do Sr. Barão Homem de Mello). Em: Revista Ilustrada, nº 643, 1892. Public domain, via Wikimedia Commons. Acesso: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Execu%C3%A7%C3%A3o_de_Joaquim_Jos%C3%A9_da_Silva_Xavier_-_o_Tiradentes,_no_dia_21_de_Abril_de_1792_%28Reconstru%C3%A7%C3%A3o_historica_feita_sob_apontamentos_do_Sr._Bar%C3%A3o_Homem_de_Mello%29.jpg

i.8 - Marc Ferrez, 1870. Le Monde Illustré.

I.9 - Arco do triunfo na Praça Tiradentes na inauguração da estátua equestre. Ampliação de uma litografia da época. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fon-Fon, 1922.

i.10 - Estátua Equestre de D. Pedro I, na Praça Tiradentes, Rio de Janeiro. Autor desconhecido, 2023. Flickr.

i.11 - Estátua Equestre de Marco Aurélio, em Roma, Itália. Autor desconhecido, 2024. Flickr.

i.12 - Angelica Monnerat, 2008. Flickr.

i.13 - Acervo dos autores. 2025.

i. 14 - Esquema gráfico indicando intervenções ocorridas na Praça Tiradentes no século XX.

i.15 - Praça Tiradentes. Angelica Monnerat, 2008. Flickr.

i.16 - Praça das Corporações, Itália. Maria Helena Abrantes Pitta, 2019.

i.17 - Acervo dos autores. 2025.

i.18 - VO_PL589_180 – La Justice. Nom du catalogue: Val d'Osne 2. Sculpteur : Moreau (Mathurin). N° de la planche: 589. 1867. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl589-statues/.

i.19 - Thifany Souza, 2025.

i.20 - VO_PL590_181 – L'Union. Nom du catalogue: Val d'Osne 2. Sculpteur : Moreau (Mathurin). N° de la planche: 589. 1867. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl590-statues/

i.21 - Thifany Souza, 2025.

i.22 - VO_PL589_182 – La Liberté. Nom du catalogue: Val d'Osne 2. Sculpteur : Moreau (Mathurin). N° de la planche: 589. 1867. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl589-statues/.

i.23 - Thifany Souza, 2025.

i.24 - VO_PL590_179 – La Fidélité. Nom du catalogue: Val d'Osne 2. Sculpteur : Moreau (Mathurin). N° de la planche: 589. 1867. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl590-statues/

CONHEÇA O PROJETO DE EXTENSÃO VIVA+CIDADE



@rioneoclassico



Largo São Francisco de Paula s/n,
Centro - Rio de Janeiro

O Viva+Cidade, coordenado pelos professores doutores Deivid Gaia e Regina Bustamante, busca construir saberes acerca da Antiguidade Mediterrânea para fins de estudo do patrimônio neoclássico e eclético do Rio de Janeiro. Assim, centrando-se nas recepções e expressões da cultura antiga nos mais diversos elementos do patrimônio arquitetônico carioca, o projeto de extensão visa facilitar, a discentes da UFRJ e membros da sociedade, o acesso à oportunidade de melhor conhecer, preservar e se apropriar do espaço onde vivem.

